

Os impactos da crise financeira internacional no Brasil

*José Álvaro de Lima Cardoso

A crise financeira no mundo atingiu o Brasil forte e imediatamente através do mercado financeiro, onde existe uma total liberdade de fluxos de capitais, na compra e venda de ações, de títulos da dívida pública e de outros papéis. A bolsa de valores caiu drasticamente, o risco Brasil subiu rapidamente, e o câmbio desvalorizou-se pela escassez de dólares. A escassez de dólares no mercado ocorreu basicamente em função dos saques de investidores em papéis brasileiros para compensar prejuízos sofridos em outros países e pelo aumento da remessa de lucros e dividendos pelas multinacionais para as suas matrizes que sofreram grandes prejuízos. A forte venda de papéis brasileiros (ações, títulos públicos e outros papéis de empresas) pelos fundos de investimentos, além do objetivo de compensar as perdas nos mercados americano e europeu, ocorreu também pela busca de uma maior segurança nos títulos do governo dos EUA.

Aparentemente, vinham se disseminando no mercado financeiro brasileiro operações “criativas” que associavam linhas de crédito mais atrativas a mecanismos de especulação sobre o comportamento futuro da taxa de câmbio, com ônus dobrado caso o real se desvalorizasse fortemente. Então, quando o dólar se valorizou bruscamente frente ao real em setembro, empresas que haviam estabelecido tais contratos (como Aracruz, Sadia e Votorantim) foram ao mercado de dólares interno para tentar liquidar suas posições, reforçando a demanda pela moeda estadunidense e a alta de sua cotação.

As perdas dessas grandes empresas com esses tipos de contrato foram gigantescas. Até porque muitos contratos foram realizados entre empresas e filiais de bancos situadas em paraísos fiscais, não se sabe exatamente quantas empresas realizaram tais operações, em qual valor e qual a perda total possível. Tudo isso tem colaborado para aumentar o grau de desconfiança vigente no mercado financeiro, colocando obstáculos à concessão de crédito para empresas do setor produtivo e bancos pequenos e médios.

Mas o quadro do crédito externo é muito grave, refletindo com força a crise mundial de liquidez. Segundo o Valor Data as captações externas em julho, agosto e setembro de empresas e bancos brasileiros foram a US\$ 3,15 bilhões, o menor valor desde o quarto trimestre de 2002. Na

comparação com o segundo trimestre deste ano a queda foi de 55%, e com o terceiro trimestre do ano anterior, de 39%.

Com o desaparecimento do crédito ao nível internacional aumenta a demanda por crédito no mercado doméstico, o que tende a pressionar as taxas e os *spreads*. Por essa razão a direção estratégica das medidas do Banco Central foi garantir o crédito para as empresas exportadoras, como a liberação de depósitos compulsórios dos bancos no Banco Central e os leilões de dólares no mercado cambial para preservar o funcionamento do mercado de crédito. Uma das medidas do Banco Central, por exemplo, tomada no dia 02 de outubro, determina que os bancos podem liberar depósitos compulsórios somente para adquirir créditos de bancos menores. Do contrário serão forçados a deixar os recursos depositados no BC, o que significa prejuízo para as instituições, na medida em que as taxas que os bancos recebem sobre os depósitos compulsórios são menores do que as taxas de captação pagas por eles na emissão de CDBs.

Até o momento não há sinais de um problema sistêmico de crédito no Brasil, diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos e Europa, onde o sistema financeiro se envolveu profundamente com as operações no mercado imobiliário, realizando enormes perdas, como vimos. O sistema financeiro brasileiro, até onde se sabe, não realizou empréstimos nesse setor. Não há, portanto, como foi assinalado anteriormente, um problema de solvência bancária no país, mas apenas de falta de liquidez.

No que se refere aos indicadores reais da economia o Brasil deverá sofrer os efeitos através do comércio internacional, em função da possível recessão que está se instalando nos países desenvolvidos. Algumas empresas vinculadas à produção de *commodities* estão vendo o valor dos seus ativos despencarem nas bolsas de valores brasileiras, em decorrência da queda dos preços destes segmentos nos mercados internacionais. Dificuldades de crédito e no financiamento entre bancos contribuem para acentuar as dificuldades internas. O enxugamento do crédito internacional (comércio exterior, investimentos, repasse dos bancos) e a venda de posições de fundos internacionais para cobrir seus prejuízos nos principais mercados financeiros contribuem para aumentar turbulências e nervosismo nos mercados financeiros.

*Economista e supervisor técnico do DIEESE em Santa Catarina.

31/10/2008.